

# A Angústia e suas caracterizações

## *The anguish and your decriptions*

Renato Bandeira Severino de Oliveira \*

Recebido em: 06/2013

Aprovado em: 10/2015

**Resumo:** *O presente artigo tem como finalidade fazer uma reflexão sobre o papel da angústia na configuração existencial dos seres humanos. Para compreender o fenômeno da angústia não se pretende classificá-la nos moldes científicos de pesquisa, mas sim, explicitá-la, utilizando-se de uma compreensão existencial. Não se pode dar repostas absolutas e objetivas a este fenômeno, pois a pesquisa como fenômeno humano é sui generis subjetivo, não se esgotando, também; por ser um tema muito abrangente, onde uma simples definição ou sistematização seria indevida, uma cristalização de sua definição acabaria anulando sua característica de um fenômeno imaterial e subjetivo. Desta forma, não se compreenderia a complexidade de tal assunto.*

**Palavras-chave:** *Angústia, Dasein, Kierkegaard, Heidegger*

**Abstract:** *This article aims to make a reflection on the role of anguish in the configuration of human being existential. To understand the phenomenon is not intended to classify it in a scientific research, ways but rather explain it using an existential understanding. You cannot give absolute answers to this phenomenon because the research as a human phenomenon is sui generis not running out too because it is a very broad term, where a simple definition would be inappropriate annulling, or systematize the characteristic of a immaterial phenomenon. Thus not understand the complexity of such subject.*

**Keywords:** *Anguish, Dasein, Kierkegaard, Heidegger*

O ser-humano situado no mundo encontra-se em uma existência, que se apresenta sob múltiplos aspectos. Essas

---

\* Graduado em Psicologia pela PUC-Minas.

Problemata: R. Intern. Fil. v.6, n. 3(2015), p 5-23 ISSN 2236-8612

doi:[HTTP://dx.doi.org/10.7443/problemata.v6i3.16153](http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v6i3.16153)

alteridades do mundo são disposições, onde o ser-no-mundo se relaciona. Entre tais disposições está a angústia. A angústia, em especial, se apresenta somente como um construto próprio da experiência humana, ou seja, ela é, em sua essência ser-no-mundo.

A ontologia concentra-se no fundamento e princípios do ser, que por sua vez é um ente. Este ente é também o próprio *dasein*, onde este se comporta de modo ontológico. A angústia, exercendo-se de uma forma afetiva primordial, se relaciona ontologicamente com a questão do ser e do não-ser. Portanto, a angústia é também ontológica.

Compreende-se então, que sua dinâmica orbita em torno da possibilidade da dissolução do próprio *dasein*, onde o não-ser ameaça constantemente o ser-humano. Este ser do humano é sentido como significação de possibilidade e ato. Significação como ser, e ato como projeto, o qual em última instância é criação. Assim, para Kierkegaard, (1984) a angústia tem seu *locus* na espiritualidade do homem, em algo que o define, e o separa em relação aos outros entes, que existem. Uma bactéria não sente uma ameaça de dissolução total de seu ser, assim como um anjo não sentiria tal corrupção.

Sören Aabye Kierkegaard foi um pensador cuja sua existência influenciou por completo sua obra. Nasceu em Copenhage em 1813, quando sua mãe tinha 44 anos e seu pai 55 anos, e chamava-se de filho da velhice. Em 1837 sua vida mudara pois com a morte do pai começou o relacionamento com Regina Olsen.

Em 1840 concluiu seu curso de teologia, o qual apresentou sua tese: “Sobre o conceito de Ironia”. Esse é considerado o momento da segunda grande mudança em sua vida. Para ele a única maneira de vivenciar sua fé é através da solidão. Rompeu seu noivado e foi para a Alemanha, lá ele conheceu o filósofo Shelling, e esboçou alguns de seus principais textos. Em 1842, voltou à Dinamarca, onde publicou seus textos mais famosos: “A alternativa, Temor e Tremor”, “Migalhas Filosóficas”, e “O conceito de Angústia”. A maior parte destes textos consiste em uma explicação para sua noiva Regina e a si-próprio, sobre os paradoxos da existência. Morreu cedo, em 1859.

Como é comum a todos, Kierkegaard, se tornou o primeiro pensador a descrever a angústia como elemento primordial do ser-humano. Para este filósofo, o homem tendo o livre arbítrio dado por Deus opta por sofrer a angústia, que se origina na

consciência do pecado e da escolha. O ser-humano conhecendo o “bem”, mas optando pelo “mal”, pode angustiar-se em suas escolhas. Desta forma a angústia para Kierkegaard é parte essencial da “essência” espiritual do ser-humano, onde o homem deve passar do estético, para o ético e por fim alcançar o religioso.

No pensamento kierkegaardiano, o homem, que consegue se reconhecer como finito (ser-para-a-morte), parte em busca de uma realização com a totalidade infinita; ele é finito, para experimentar o infinito, que é alcançável pela fé. A fé não é uma lógica, mas um fato, um modo de existir, que coloca o absurdo e o paradoxo, como respectivamente verdade e Deus. A verdade é alcançável através do absurdo, o absurdo que um Deus encarnado homem possa ter um meio de fazer compreender os humanos a essência de Deus. Mas o próprio Cristo é incompreensível, (por ser Deus),então, o sentido da verdade se torna absurdo. Assim, o acesso à verdade suprema se torna a aceitação do absurdo, aquilo que o apóstolo Paulo fala: “creio porque é absurdo”. O paradoxo consiste em que o absurdo concede a verdade.

A fé é justamente aquele paradoxo segundo o qual o Indivíduo se encontra como tal acima do geral, sobre ele debruçado (não em situação inferior, pelo contrário, sendo-lhe superior) e sempre de tal maneira que, note-se, é o Indivíduo quem, depois de ter estado como tal subordinado ao geral, alcança ser agora, graças ao geral, o Indivíduo, e como tal superior a este; de maneira que o Indivíduo como tal encontra-se numa relação absoluta com o absoluto. Esta posição escapa a mediação que se efetua sempre em virtude do pensamento. A fé é este paradoxo. (KIERKEGAARD, 1984, p.142)

Portanto, é a subjetividade a maneira de se alcançar esta verdade, sendo ela o único caminho. Desta forma, a escolha é o caminho para a verdade, onde diferentemente dos conceitos hegelianos frios e calculistas, que para este filósofo constitui um erro intelectual, é uma tentativa de mascarar a verdade a escolha coloca o humano de frente com a sua existência, que é também permeada pela angústia. Nisto a existência é afirmação de fé, enquanto subjetividade, pois a subjetividade garante que a fé seja uma realidade diferente do plano conceitual. Então a espiritualidade humana contém em si a angústia.

A angústia é, segundo Kierkegaard, parte essencial da espiritualidade própria do homem[...] Enquanto reflexão sobre a própria condição humana, a espiritualidade está ligada a angústia. (ABBAGNANO, 1998, p.60).

Pela escolha, a fé representa um salto do plano estético, cujo corpóreo é essência para um plano ético, social e, por fim, para o absoluto, que é incompreensível. A existência reserva para esse futuro julgamento das escolhas algo que é sempre possível ou não de acontecer, sendo o futuro incerto, podendo oferecer ao existente a realização de um projeto ou o seu total fracasso. Desta forma, as possibilidades tendem a ser duais, enquanto estiverem em um tempo futuro, ou seja, não garantindo a certeza, o sucesso, a felicidade. Em seu âmago o futuro pode também ser nefasto, sombrio, doloroso e fatal. Assim, para Kierkegaard (1984), no possível tudo é possível, pois tudo é subjetividade.

A angústia, para Kierkegaard (1984) é negativa e ameaçadora, pois até na relação do homem com o transcendente, a angústia está presente; onde o paradoxo entre o real e o imaterial é predominante. Assim, a angústia se encerra como a impossibilidade frente ao possível. Mas mesmo assim, a opção pelo tudo ou nada é uma questão de fé, onde a subjetividade de cada um é o principal juiz. Desta forma, Kierkegaard diz:

A fé é a mais alta paixão de todo homem. Talvez haja muitos homens de cada geração que não a alcancem, mas nenhum vai além dela[...]É preciso ir mais além, é preciso ir mais além. Esta necessidade é velha sobre a terra. (KIERKEGAARD, 1984, p.185)

O filósofo Martin Heidegger aborda a questão da angústia desta mesma forma, cuja angústia é o próprio estar-no-mundo. A angústia não tem um objeto fixo para angustiar-se, ela se surge do não-ser, onde não existe um lugar específico ou objeto angustiante. Assim, fala Heidegger:

Naquilo com que a angústia se angustia revela-se o “é nada e não está em lugar nenhum”. Fenomenalmente, a impertinência do nada e do lugar nenhum intramundanos significa que a angústia se angustia com o mundo como tal. A total insignificância que se anuncia no nada e no lugar nenhum não significa ausência de mundo. (HEIDEGGER, 2006, p.253)

Desta maneira, como se apresenta ontologicamente o *dasein*, aquilo com que a angústia se angustia é o próprio *dasein*. A angústia fundamenta o *dasein* para o ser-possível, ou seja, na medida com que a angústia se angustia, esse angustiar-se apresenta-se como possibilidade de projeto, colocando o *dasein* em ser-livre para a liberdade. Assim, para Heidegger (2006), a angústia rompe com a familiaridade cotidiana colocando o *dasein* em seu ser mais próprio, sua autenticidade. A autenticidade é a única forma possível para Heidegger em uma transcendência da angústia. Esta transcendência é a compreensão que o *dasein* é um ser-para-a-morte.

Quando lançado ao mundo, na estranheza da existência, o *dasein* está em um constante porvir. Neste porvir, a única forma de ser possível de ser-retomado, de enxergar novas significações é através da compreensão de que somos lançados em um mundo finito. Mundo este, que se encerra com a possibilidade da morte. A angústia revela ao *dasein*, que é a morte, que é o projeto de ser mais autêntico do homem. Se não o fosse, o *dasein* não se angustiaría pela possibilidade do encontro com o vazio do não-ser.

Ser-para-a-morte em sentido próprio não pode escapar da possibilidade mais própria e irremissível e, nessa fuga encobri-la e alterar seu sentido em favor da compreensão do impessoal. (HEIDEGGER, 2006, p.337)

A morte, enquanto possibilidade, está em um tempo porvir, no qual o passado é o fundamento ontológico para um futuro, que tem em sua ponta temporal a angústia, como um sentido de ser-para-a-morte. A morte, entendida como possibilidade presente, que está em uma totalidade com o futuro. *A angústia, bem ao contrário, recoloca o estar-lançado enquanto possível de ser retomado. E isso a tal ponto que ela também desvela a possibilidade de um poder-ser próprio* (HEIDEGGER, 2006, p. 430). Como o ser humano é um ente inacabado, o seu ser está em uma dinâmica de construção, cuja existência configura o modo de ser deste humano e nisto consiste o ser-aí, ou seja, o *dasein*. Este estar-no-mundo deriva de duas importantes consequências: a facticidade e o misonéismo existencial. Já se é angústia enquanto *dasein*,

porque através do sentido, dos significados que atribuí às coisas, deixa-se de significar outras tornando-as impróprias.

Assim, a angústia pode adquirir o não-sentido (não-ser), e com a consciência deste não-sentido, o mundo se torna plena abertura, ou seja, a abertura traz o sentido e o não sentido, dados em um tempo.

Em seu sentido temporal, a decisão representa uma abertura própria do *dasein*. A abertura constitui um ente, de tal maneira que, em existindo, pode ser o seu “estar” ele mesmo (HEIDEGGER, 2006, p.421).

A angústia que se torna patológica, quando o significado, do que é impróprio, se torna mais significativo que o significado daquilo que é próprio para o *dasein*. Assim, a pessoa que sofre o ser-doente, se fecha para o mundo pois, não consegue suportar o não-ser da abertura.

O fechamento da dimensão de mundo, que não possibilita o contato de ser-com-os-outros e com outras possibilidades, é como uma morte que se perde o ser do estar. Este estar fechado é uma forma de tentar do *dasein* se livrar do sentimento de angústia, pois ele cria um mundo falso e fechado onde tudo se torna irreal. Como uma vivência, a angústia é em seu *eidós* uma angústia de morte, onde o contato com as possibilidades são precárias. *O ser-para-a-morte é, essencialmente, angústia* (HEIDEGGER, 2006, p. 343). A morte é a única certeza do *dasein*, e nela está contida todas as possibilidades do *dasein*; somente com a aceitação de sua finitude o *dasein* assume-se a partir de suas possibilidades intrínsecas. Desta forma, a angústia é um chamado para que o *dasein* entre em contato com seu ser-próprio, que torne próprio daquilo que o *dasein* é.

Esse assumir-se é, portanto, um chamado para recuperar seu projeto existencial; é um clamor da consciência que grita ao *dasein* para que este se torne condizente com suas escolhas. Segundo Critelli, o

*dasein* fundado na angústia, regido por este paradoxal modo humano de se ser-no-mundo, é que se abre para o homem toda sua possibilidade de conhecimento. (1996, p.18)

Este clamor movido pela angústia é que mobiliza o *dasein* a recolocar-se frente ao seu projeto. O projeto e o próprio

*dasein* estão situados em uma temporalidade, pois a existência ontologicamente falando está em um tempo.

A angústia tem a sua raiz firmada na essência da condição humana frente ao mundo, em um mundo de infinitas possibilidades. Mais possibilidades infinitas em um *eidós* de finitude, ou seja, elas são infinitas em nossa configuração temporal-espacial de existência finita. A morte define o que se foi e o que se é, até se encontrarem em um futuro. Estas formas de manifestação da angústia guardam em comum o sentido de não-ser, que permanece não como um ente, mas como um ser que necessita da contínua destruição para potencializar a criação. A angústia aqui se assemelha ao poder construtor e aniquilador, como simbolizado pela divindade hinduísta chamada de *Shiva*, deusa da fecundidade e do sacrifício. Desta forma é a morte, seja ela física, espiritual ou moral (social) que está em jogo.

Esta morte representada pela trindade (bio-psico-social) em si, aponta ontologicamente para um único ser: o ser-para-a-morte. Este ser-para-a-morte é uma verdade e somente a única presente em toda a existência, porque como comenta Heidegger:

Enquanto fim do *dasein*, a morte é a possibilidade mais própria, irremissível, certa e, como tal, indeterminada e insuperável do *dasein*. Enquanto fim do *dasein*, a morte é e está em seu ser-para-o-fim. (2006, p. 335)

A morte é a nadificação de toda a possibilidade possível, assim ela somente oferece a angústia, quando não vivenciada em sua plenitude, mas apenas como um padrão temporal como uma antecipação.

A compreensão de viver para uma possibilidade de morte é angustiante, assim como presenciar a impossibilidade de existir. A pessoa angustiada entende que todas as possibilidades de realização encontra-se em um tempo futuro, sendo esta realidade não passível de ser transcendida por projetos, que ainda estão no presente. Desta forma, o tempo do porvir configura-se como o porvir da morte, que já está acontecendo no *dasein* entendendo, por conseguinte, que este porvir não é algo no agora nem muito distante, mas algo que já se passou e que está na possibilidade de tornar atual.

Neste sentido, o tempo é contínuo; o passado “gera” futuro que, por sua vez, “gera” passado sendo, portanto, finito e cíclico

*Problemata: R. Intern. Fil. v.6, n. 3(2015), p 5-23 ISSN 2236-8612*

para o *dasein*. Assim, o *dasein* é o único ente com capacidades anamnéticas existenciais, como a capacidade de conectar o passado, o presente e o futuro, desta forma exercendo uma antecipação porvindoura.

“O porvir” não significa aqui um agora que, ainda-não tendo se tornado “real”, algum dia o será. Porvir significa o advento em que o *dasein* vem a si em seu poder-ser mais próprio. O antecipar torna o *dasein* propriamente porvindouro, de tal maneira que o próprio antecipar só é possível quando o *dasein*, enquanto um sendo, sempre já vem a si, ou seja, em seu ser, é e está por vir. (HEIDEGGER, 2006, p.410)

A angústia é o que denuncia, para Heidegger (2006), o que pode ser reconfigurado no projeto inicial. Ela traduz a necessidade de que se está em um caminho diferente do que se projetou, cujo destino é atualizado pela angústia. Destino é o projeto em plena execução, não é o projeto como uma potencialidade de acontecer ou uma previsão, mas a palavra destino pode ser compreendida como um *methodus*, um caminho a ser percorrido, que encerra a definição inicial de projeto

O destino que se encontra no futuro é angustiante, por este estar de encontro com a possibilidade de escolha do ser-no-mundo. Mas este ser-no-mundo pode se defrontar com a morte. O destino carrega em-si a morte que é presente no desconhecido. Ao escolher um determinado caminho, anula-se a possibilidade de que outros se manifestem ou até mesmo o *dasein* pode morrer nestes caminhos. Assim, o caminhante somente pode aceitar o caminho presente que o leve ao seu destino. Aceitar o destino que se projetou, como um ato de escolha própria do *dasein*, confere à angústia uma função libertadora, pois a angústia reafirma que não se pode transcender o que já é dado ao imediato.

O significado da angústia é a própria aceitação do destino, ou seja, a aceitação da atual situação como única, tendo a consciência que lutar contra a nulidade da morte. A morte das escolhas é lutar contra a própria existência. Em Heidegger, a percepção do jogo ontológico entre ser e não-ser angustia o *dasein*, mas é esta angústia que torna o homem autêntico perante suas escolhas, com a coragem e o amor de sua própria finitude. Nietzsche disserta sobre esta autenticidade, no que ele chama de *amor fati*, que significa amor ao destino:



A minha fórmula para a grandeza do homem é amor fati: não se deve procurar outra diversa, quer no futuro ou no passado, nem mesmo para toda eternidade. Não basta “suportar” o que é necessário, e muito menos desprezá-lo --- todo idealismo é uma mentira diante da necessidade; deve-se amá-lo[...] (NIETZSCHE, 2003, p. 66)

A angústia é vivenciada de forma total, ou seja, ela está presente em situações que não se podem classificá-las de modo apriorístico. A angústia não tem uma causa ou estímulo particular para acontecer, ela é a condição de estar de frente com o mundo, liberto de todas as possibilidades. Como explícita Heidegger:

A angústia singulariza e abre o *dasein* como “solus ipse”. Esse “solipsismo” existencial, porém, não dá lugar a uma coisa-sujeito isolada no vazio inofensivo de uma ocorrência desprovida de mundo. Ao contrário, confere ao *dasein* justamente um sentido extremo em que ele é trazido como mundo para o seu mundo e, assim, como ser-no-mundo para si-mesmo. (HEIDEGGER, 2006, p.255)

Assim, a angústia tem um importante papel na reflexão do *dasein* em relação a sua existência. A angústia é a única possibilidade que faz o homem compreender que foi lançado ao mundo de forma abrupta. A angústia compreende a precariedade humana em sua existência confundida com o mundo, ou seja, ela compreende o *dasein* como sentido ontológico e também o compreende como existência, no sentido de que a angústia o comprime perante seu projeto e sua morte.

O estar-no-mundo revela também outras disposições que podem ser confundidas com a angústia. Os medos e pavores, à primeira vista, têm uma proximidade existencial com o fenômeno da angústia, mas nestes outros, a causa que os geram está dentro do mundo, não fazendo parte de um tempo ou de um espaço, mas sim, sendo constituído de causas reconhecíveis para o *dasein*, além de fazer parte das vicissitudes do mundo. Assim, como fala Heidegger:

O desvio da decadência não é, por conseguinte, um fugir que se fundasse num medo de algo intramundano. Nesse sentido, o desviar-se não possuiria o caráter de

fuga, sobretudo quando se aviasse para o ente intramundano no sentido de nele empenha-se. Ao contrário, o desvio da decadência funda-se na angústia que, por sua vez, torna possível o medo. (HEIDEGGER, 2006, p.252)

Sendo assim, são modos inautênticos de estar-no-mundo. O ser-Humano inautêntico tenta escapar da angústia na impessoalidade do mundo; ele vive de forma a seguir as regras oferecidas pela sociedade, onde a sua despersonalização, decadência, proporcionam um “alívio” temporário de sua dor. Nesse sentido a inautenticidade é um fugir da morte, morte que realiza o nada nulificante, que é a nossa única certeza.

Por sua vez, o ser-Humano autêntico tem a capacidade de projetar-se no futuro, no qual compreende que o sentido está em suas possibilidades de escolha; e o futuro dar-se-á em virtude de aceitar e ter responsabilidade em seu próprio destino, a sua morte, tendo a angústia uma função primordial. Como comenta Heidegger (2006, p.407): *O dasein é propriamente si-mesmo na singularidade originária da decisão silenciosa pronta a angustiar-se.* A angústia tem a função de tirar o homem inautêntico, sem sentido, para um encontro consigo mesmo, onde as possibilidades do projeto existencial são infinitas, isto é, são sempre atualizadas pela angústia e onde estas correm em paralelo com um fim que está sempre em condição de acontecer.

Os estados análogos à angústia, como o medo e o temor, referem-se sempre a eventos e condições determinadas. Nestes estados, a relação de causa efeito podem ser estabelecidas, assim a pessoa que está em um estado de medo ou temor pode objetivar sua condição e, então, pode-se tirar conclusões conceituais a respeito. Na angústia não existe tal experiência causal, a relação entre causa-efeito perde o sentido, pois a totalidade é a forma de atuação do fenômeno da angústia. Desta forma diz Heidegger:

O medo encontra seu ensejo nos entes que vêm ao encontro no mundo circundante. A angústia, ao contrário, surge do próprio *dasein*. O medo sobrevém a partir do intramundano. A angústia cresce a partir do ser-no-mundo enquanto ser-lançado-para-a-morte. (HEIDEGGER, 2006, p.431)

O ser-no-mundo é pura relação, e como sentido relacional possui sempre ambivalências ou polaridades. A angústia, tal

como *aletheia* (desvelamento), coloca perante o *dasein* tais ambivalências: ser/não ser/, vida/morte, construção/destruição. Desta forma, o *dasein* pode mobilizar-se perante a constante perda de sua existência e estas polaridades permitem à angústia se manifestar, pois como uma dialética, o fenômeno da angústia sempre se posiciona como uma tensão entre dois opostos divergentes.

Destes opostos divergentes escolhas serão geradas. O *dasein*, psicologicamente falando, pela sua consciência, é capaz de fazer tais escolhas intencionais, proporcionando sentido para a sua existência. Assim, como projeto, este *dasein* posiciona-se perante o mundo e está aberto a escolher entre a inautenticidade ou a sua autenticidade. O *dasein* pode escolher entre o futuro, o presente e o passado, sendo que o passado gera a culpa (de não poder agir sobre ele) e o futuro envolve a angústia (de não poder conhecer nada sobre ele).

Compreende-se que somente aceitando o aqui e agora, por meio das nossas possibilidades, o *dasein* pode transcendê-lo, cuja antecipação do cuidado (*Sorge*) com o mundo que cerca a pessoa, isto é, com os outros. Esta é a forma pelo qual o *dasein* pode delimitar e escolher melhor suas possibilidades. Estar com os outros no cuidado, no acolher, antecipa o nosso projeto existencial, porque este tem em sua *gestalt* uma ação sobre o mundo. Portanto, para estar de acordo com o projeto existencial, o *dasein* se re-constroi a cada instante, o *dasein* não é um ente que está acorrentado ao seu passado, pois a sua dinâmica é idêntica a da existência, que é um constante movimento rumo a um futuro, um porvir. Então, o que caracteriza o existir é a temporalidade de construção de seu projeto, este que está indo de encontro com a morte, porque o único futuro conhecido para o *dasein* é a morte.

Assim, existir é tempo e a angústia se define neste tempo que nos lança rumo a uma espécie de “limbo” existencial, onde o *dasein* se questiona perante o tempo perdido ou o tempo não acontecido. Em um estado de angústia o tempo parece parar neste “limbo”, ou seja, existe uma suspensão dos processos vivenciais.

Esta estagnação vivencial do *dasein*, permite que seja compreendida uma possibilidade de o *dasein* rever seu modo de existir e modificá-lo. Sendo o *dasein* inautêntico, a angústia pode ser favorável para que este mude para a autenticidade e

exerça com pleno vigor as responsabilidades de seu ser-no-mundo e com os outros. Nesta transcendência o *dasein* exprime a sua condição de se refazer constantemente, assim como o abrir e o fechar de uma *gestalt* plena.

A falta que a angústia revela é a falta de refletir de onde viemos e, de projeto, para onde vai o *dasein*. Desta forma, não é lamentável a angústia, mas é a condição para nos mobilizarmos perante a ruptura que as normas e costumes sociais podem oferecer; entre a totalidade indivisível do *dasein* e despersonalização deste em um existir inautêntico.

O não-ser vem com o sentimento de angústia, em um movimento de des-construção de um modo de vida inautêntico e a re-construção de uma autenticidade. A liberdade, ao se alcançar um existir autêntico, é adquirida através do sofrimento que a angústia causa, pois, quando se perde todo o alicerce de uma falsa segurança perante o mundo, somente o si-mesmo é capaz de dar uma resposta satisfatória ao que se entende por liberdade. Portanto, existe uma dialética no fenômeno da angústia, pois ela oferece a dissolução do que é, para algo que não é, ao mesmo tempo em que ela mesma é um não-ser, ou seja, ela busca um novo nascimento para o *dasein*. Sobre este fenômeno, o filósofo anglo-saxão naturalizado brasileiro Thomas Ransom Giles (2003, p.21) relata que: *A angústia é essencialmente dialética, pois é a possibilidade de algo que é e não é, que atrai e que repugna*. Assim, a existência autêntica somente será presentificada com a angústia, pois para adquirir-se o *dasein* deve se escolher a única possibilidade possível, que é a de que o *dasein* é o ser-para-a-morte.

A facticidade é o fato de ser lançado ao mundo de forma abrupta, no qual tem-se a sensação de ser obrigados a exercer uma existência dependurada no precipício do determinismo. Mesmo que esta facticidade possa ser transformada em liberdade, esta é finita e, de certo modo, condicionada pelos limites do mundo.

O misonéismo existencial é o medo dos resultados de um projeto que se configura no futuro. No presente está implícito que o futuro, por enquanto, existe apenas como uma possibilidade e não como dado. Nestas possibilidades, o *dasein* não consegue se projetar como um fato, mas como dois possíveis acontecimentos (o ser e o não ser), isto é, a dualidade de algo que ainda não se tem certeza. Nisto reside o fator principal da angústia.

O não-ser e angústia serão correlatos, quando o primeiro significar o nada. A forma dinâmica deste não-ser posicionar-se perante o ser é por meio da angústia. Como nos explica Goto (2004, p.143): *Assim, na consciência vivencial do não-ser é que surge a angústia, ou seja, na compreensão de nossa finitude é que está fundada a angústia*. Portanto, a morte compartilha uma íntima relação com a angústia, de maneira que somente a compreensão do término da existência neste mundo é o que determinará ao existente angustiar-se.

A expressão angústia, etimologicamente, vem reforçar esta significação de crise existencial que uma pessoa pode ser acometida. Desta forma destaca Tapia (1984, p. 13), *angústia vem do latim angustus, “estreito”, que deriva por sua vez de angere, “apertar”, “afogar”*. Percebe-se que a palavra angústia vem de encontro com esta situação de existência e até mesmo uma experiência corporal de aperto ou afogamento, onde o que angustia é uma relação entre o indivíduo e o mundo. Esta relação é própria do existente, que está em total relação com seu mundo e que chega até mesmo a “confundir-se” com ele como *dasein*.

O psicólogo Luis Ernesto Rodriguez Tapia realizou um estudo, no qual várias pessoas foram entrevistadas a respeito de se encontrar uma estrutura essencial do fenômeno da angústia. Todos os entrevistados relataram alguma experiência envolvendo a angústia.

A análise hermenêutica mostrou que o fenômeno da angústia possui uma essência de conformidade com o *dasein* de cada um dos entrevistados. No entanto, nos vários depoimentos, o momento de emergência da disposição afetiva da angústia, foram tomados como um momento de totalidade. Como relatam várias pessoas:

Nesse momento me senti extremamente perdida. Não tinha amigos, tinha medo de enfrentar minha família, eu realmente não sabia que atitude tomar.(E.E).  
Sem lar amoroso, sem igreja, sem carinho,...Que fazer em meio a tanta angústia[...] Estava completamente arrasado e desiludido. (G.I) (TAPIA, 1984, p.48).

Estes e outros depoimentos demonstram a totalidade de não significação da experiência vivida, a única significação possível é a perda do não-ser.

Outro ponto importante encontrado por Tapia foi o que ele chamou de instância de revelação e individualização da experiência da verdade. No instante da revelação o *dasein* se “ilumina” para um sentido a escolher. Como explica o psicólogo:

Do estudo do material de pesquisa, tem-se, também, a configuração de uma estrutura ou substrato comum às várias experiências, na instância da revelação e individualização, enquanto experiência de verdade na existência de cada depoente. (TAPIA, 1984, p.50).

Assim, pessoas relatam *insights* sobre como a angústia pode tornar-se uma função libertadora. Conforme os seguintes relatos:

Ao perceber que o terapeuta se mostrava mais preocupado consigo próprio do que com meu problema, decidi tentar resolvê-lo por mim mesma. (E.E). Meus problemas e traumas só aumentavam. Foi quando me converti ao Senhor Jesus Cristo, o qual me secou as lágrimas, me transformou em uma nova criatura e me deu alegria de viver (G.I) (TAPIA, 1984, p.50).

Nesses relatos, percebe-se que existe uma transcendência do fenômeno da angústia, um encontro com o sentido.

Um outro modo diferente de abordar o tema da angústia é encontrado no teólogo alemão Paul Tillich . Paul Johannes Oskar Tillich foi teólogo protestante americano de origem alemã, nascido no dia 20 de agosto de 1886 em Starzeddel, na Prússia. Foi professor de teologia em diversas universidades alemãs e americanas. Destituído e perseguido pelos nazistas em 1933, exilou-se nos E.U.A, e sua obra visou estabelecer o diálogo entre a fé e a cultura contemporânea. De 1933 a 1955, foi professor de Teologia Filosófica no “Union Theological Seminary” e na “Columbia University” (Nova Iorque); depois lecionou nas universidades de Harvard e de Chicago. Nesta última cidade coordenou importantes seminários de estudos da religião com Mircea Eliade. Com o término da segunda guerra, fez frequentes viagens à Europa para cursos e conferências. Recebeu o prêmio da paz dos editores alemães em 1962, morrendo em Chicago no ano de 1966.

Diferentemente de Heidegger e Kierkegaard, a angústia não configura uma impossibilidade de superação do *dasein*,

como uma inautenticidade. A questão da angústia em Tillich não é totalmente ser-para-a-morte da maneira niilista como aborda Heidegger. A angústia, para o autor de “*Coragem de Ser*”, é passível de superação pela fé, ou seja, pela coragem de ser. Mas, os dois pensadores concordam que a origem da angústia se funda na existência humana, e que a gênese estrutural do fenômeno da angústia é o nada. Também, ambos guardam semelhanças quanto à metodologia fenomenológica utilizada. Como nos aponta Goto (2004):

Tillich defendeu a existência no homem da coragem de ser, isto é, a auto-afirmação daquilo que venha impedir o eu de ter significados. Apesar da ameaça do não-ser, o homem ainda possui uma coragem de significar a vida para superação existencial do nada. (GOTO, 2004, p.146).

O não-ser presente na angústia, não é um não-ser vazio de sentido, pois este não ser sem sentido não seria experimentado, mas como uma disposição estagnatória, o não-ser é ser também. Desta maneira, o não-ser atua em paralelo com seu correspondente ontológico o ser. Como nos diz Tillich<sup>1</sup>:

O não ser é sentido como absolutamente vitorioso. Porém, há um limite para sua vitória; não-ser é sentido como vitorioso, e sentir pressupõe ser [...] Se a angústia fosse só angústia do destino e da morte, a morte voluntária seria o caminho para sair do desespero. A coragem requerida seria a coragem de não ser. A forma final da auto-afirmação ôntica seria o ato-negação ôntica<sup>3</sup>. (TILlich, 1967, p. 40)

Para Tillich, a angústia tem a mesma raiz ontológica do medo, mas difere quanto a sua realidade; o medo tem um objeto real, mas a angústia se caracteriza por não possuir nenhum objeto em-si. *Porque a angústia não tem objeto, ou melhor, numa frase mais paradoxal, seu objeto é a negação de todo o objeto* (Tillich, 1967, p. 26). Contudo, o medo guarda outra íntima relação com a angústia. A angústia quando se defronta com o medo deixa de existir, ou seja, a existência de um ser, que é o objeto do medo, automaticamente anula sua anti-constituição ontológica: o não-ser. Seria, pois, nesta linha de pensamento afirmar que ser e não-ser não podem ocupar a mesma disposição

afetiva no *dasein*. A situação do ser, enquanto ser, é o que traz à tona a angústia, e não se pode apenas, em um olhar superficial dizer que a angústia é a situação de não poder resolver uma ameaça imediata e real.

A redenção que procura a angústia é fazê-la se tornar medo, pois o medo quando presentificado se torna possível de ser enfrentado; o não sentido da angústia é impossível de se combater. Como comenta Tillich, (1967, p. 28): *A ansiedade se esforça para se tornar medo, porque o medo pode ser alcançado pela coragem*. O que angustia a angústia pode se estabelecer, segundo Tillich, de três modos possíveis de ser. Estes três modos de angústia estão inter-relacionados entre-si e não expressam condições absolutas de realidade, onde cada vivência de angústia poderá ou não ser caracterizada por cada um destes modos, ou não.

O primeiro modo da angústia apresenta-se como uma essência fisiológica ou organísmica, onde a angústia se expressa na consciência da decrepitude e total destruição do ser enquanto ser-para-a-morte. Aqui, o *dasein* sabe que seu destino enquanto existente, está fadado. Por isso seu projeto existencial tem como pano de fundo o destino coletivo, que é a nadificação da morte. Esta forma de angústia é denominada de angústia do destino e da morte.

A morte é a perda da correlação básica eu-mundo, como perda da existência corpórea em uma *gestalt* atualmente conhecida e como perda dos processos vivenciais proporcionados pela totalidade da existência. Em todas as culturas, o fenômeno da morte é amplamente experimentado como uma união ao mistério. Esse mistério é contornado pela tinta do não-ser. Apesar da fé ser uma certeza em relação à vida após túmulo, o que se pode ter certeza é que esta fé ainda está realçada pela incerteza, pois se estivesse certo da vida após a morte, não se criariam religiões, símbolos e cultura em torno da morte; em suma a fé seria inútil.

A angústia da morte é adornada pelo destino, que é o término do ser do *dasein*. Durante e/ou depois da morte o *dasein* se torna ente, corporificado em uma matéria decrépita pelas vicissitudes da natureza. O não-ser é destino, como uma redundância. O não saber que o desconhecido gera é dual, como possibilidades de ser, sendo como negação ou afirmação de algo. O destino é também afirmação de que algo está porvir em um tempo perdido, ou desconhecido, tal como a morte. *O*



*destino não produziria angústia inevitável se não tivesse a morte por trás de si* (TILLICH, 1967, p.32). Como desconhecimento e morte o destino convida a vivenciar a plenitude da finitude, como seres duais, onde escolhas e dimensões de mundo são constantemente abertos e anulados.

Desta anulação, como vazio, nasce outra forma descrita por Tillich (1967) de angústia, que é a angústia de vacuidade e insignificação. Este tipo de angústia age no espírito do homem. *É uma ameaça a auto-afirmação espiritual do ser humano, entendendo o espiritual como o sentido de que o ser humano vive, dando significados à realidade que se apresenta.* (GOTO, 2004, p.145). Desta maneira, a vacuidade age dissolvendo qualquer sentido de relação entre o homem e sua cultura, ou seja, o vazio se anuncia vorazmente como um quarto escuro, onde somente um sentimento individual de ser/estar- separado-com-tudo permanece. É uma situação ambígua, pois o *dasein* começa a questionar-se como pode estar e ser separado dos outros e do seu mundo. Esta vacuidade como espaço e a insignificação como sentido, acabam por des-organizar o *dasein* rumo ao nada, ou seja, à potencialidade criadora do vácuo.

Sem poder participar significativamente de suas criações, não está em contato com sua essência transcendental. O transcendental, aqui, não diz respeito à realidade do ser metafísico, mas sim à capacidade transformadora do ser-humano. A vacuidade é esta vivência de se perder em um não-ser. *Uma vida espiritual na qual isto não é experimentado é ameaçada pelo não-ser nas duas formas pela qual ele ataca a auto-afirmação espiritual: vacuidade e insignificação* (TILLICH, 1967, p.34). A insignificação é condição *sine qua non* para a vacuidade, onde a insignificação é relativa à ameaça do não-ser frente ao espírito criador do ser-humano, ou *dasein*, e a vacuidade é a ameaça relativa ao espírito criador. A vacuidade e a insignificação são permeadas pela dúvida, ou seja, questionando o porquê de “estar separado” com a realidade, embora esteja nela o *dasein*, onde se entrega a dúvida total e paralisante; que é a certeza de que sua dúvida é de não-ser. Assim, esta dúvida deixa de ser dúvida para se transformar em angústia.

Por outro lado, o ser-humano pode deixar de perguntar, pois fazendo isto ele submerge na coletividade, onde não existe

isolamento e solipsismo. Mas isto o leva a se perder como um ser original e indivisível. Como cita Tillich:

A fim de evitar o risco de perguntar e duvidar, ele renuncia ao risco de perguntar e duvidar. Renuncia a si próprio tentando salvar sua vida espiritual. Ele “foge de sua liberdade” (Fromm) tentando fugir á angústia da insignificação. Agora ele não mais está sozinho, nem na dúvida existencial, nem no desespero. Ele “participa” e afirma pela participação o conteúdo de sua vida espiritual. A significação está salva, mas o eu é sacrificado. (TILLICH,1967, p.35,36).

O campo moral em que a angústia pode se instalar é o terceiro modo de apresentação das maneiras da angústia. Esta angústia é denominada de angústia da culpa e da condenação. Neste modo, a angústia ameaça a relatividade entre parâmetros de condenação por alguma ação, e a culpa por ter praticado tal ato condenável. Por conseguinte, o próprio *dasein* tem a capacidade de se auto-condenar ou de se absorver por completo. *Ele é responsável por ele próprio; literalmente, exige-se que responda, se perguntando, o que fez de si próprio*, (TILLICH, 1967, p.37). É uma situação ambígua, onde a própria pessoa se torna réu e juiz de si-mesmo. Assim a angústia de culpa e condenação se instalam.

Esta angústia tem como essência a parte moral do homem, que por conseguinte atua sobre preceitos éticos. A ética aqui é ditada pelo maniqueísmo, pela questão entre bem e mal. A culpa nasce da incerteza do ato praticado conter maldade ou bondade. É a consciência moral que se apresenta para colocar a pessoa frente à sua condenação ou absolvição.

A ameaça do não-ser moral dá vazão à insignificação e à vacuidade, de forma a produzir uma falta de sentido às regras e normas sociais, tornando vazio o conteúdo espiritual. *A obediência a norma moral, isto é, a nosso próprio ser essencial, exclui a vacuidade e a insignificação em suas formas radicais* (TILLICH, 1967, p.39). No entanto, a dúvida existencial pode acabar com a consciência moral, por permitir que um vazio se instale como ceticismo. Neste caso, se somente a percepção do não-ser, o sentimento de separação com o mundo faz com que não tenha significado o “eu” participar desta coletividade, onde a ética-moral é predominante.

### **Referências**

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.
- CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do sentido uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo educ, Brasiliense, 1996.
- GILES, Thomas Ransom. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 2003.
- GOTO, Tommy Akira. **O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich**. São Paulo: Paulus, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**, 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- KIERKEGAARD, Soren. **O desespero e a doença mortal**In: Kierkegaard São Paulo: Abril Cultural Abril Cultural, 1984 (Os pensadores).
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo. Como cheguei a ser o que sou**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- TÁPIA, Luís Ernesto Rodrigues. **Descrição da Experiência de Crise Existencial ou Angústia**. Puc- São Paulo: 1984. 57 fls. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Psicologia Clínica, São Paulo.
- TILLICH, Paul. **A Coragem de Ser : baseado nas conferências Terry pronunciadas na Yale University**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

---

*Tillich utiliza-se do termo alemão Angst para definir angústia, porém como este livro foi publicado primeiramente os E.U.A (como uma palestra lá proferida), a tradução de Angst para o inglês é anxiety, que em português foi erradamente traduzida por ansiedade. Mas utilizar-se-á o termo correto que é angústia em vez de ansiedade.*